

Four Bee Poems

Maria Rita Viana

A Assembleia das Abelhas

Quem são essas pessoas que me esperam na ponte? São os moradores —
O pastor, a parteira, o sacristão, o agente das abelhas.
Em meu vestido cavado de verão não tenho nenhuma proteção,
E eles estão todos com luvas e cobertos, por que ninguém me avisou?
Estão sorrindo e tirando véus pregados em chapéus antigos.

Estou pelada como um pescoço de galinha, será que ninguém me ama?
Sim, aqui está a secretária de abelhas com seu avental profissional branco,
Abotoando os punhos em meus pulsos e a fenda do pescoço até os joelhos.
Agora sou toda paininha-de-seda, as abelhas não vão me notar.
Não vão cheirar meu medo, meu medo, meu medo.

Qual deles é o pastor, seria aquele homem de preto?
Qual deles é a parteira, aquele seria seu casaco azul?
Todos acenando com cabeças pretas e quadradas, são cavaleiros de viseiras,
Couraças de gaze amarradas embaixo dos braços
Seus sorrisos e suas vozes estão mudando. Sou levada através de uma plantação de feijão,

Tiras de papel alumínio piscando como pessoas,
Espanadores abanando suas mãos em um mar de flores de feijão,
Flores de feijão creme com olhos negros e folhas como corações furados.
Seriam coágulos que as gavinhas estão carregando corda acima?
Não, não, são flores escarlate que um dia serão comestíveis.

Agora estão me dando um elegante chapéu de palha branco italiano
E um véu preto que se molda ao meu rosto, fazendo de mim um deles.
Estão me levando para a clareira aberta no bosque, o círculo de colmeias.
Será que é o espinheiro que cheira tão mal?
O corpo estéril do espinheiro, anestesiando seus filhos.

Seria uma operação que está ocorrendo?
Seria o cirurgião que meus vizinhos esperam,
Esta aparição de capacete verde,
Luvas brilhantes e traje branco.
Seria o açougueiro, o dono da mercearia, o carteiro, alguém que eu conheço?

Não posso correr, estou enraizada, e o tojo me machuca
Com suas bolsinhas amarelas, seu arsenal espinhoso.
Eu não poderia correr sem ter de correr para sempre.
A colmeia branca está fechada como uma virgem,
Selando os alvéolos de sua prole, seu mel, zumbindo calmamente.

Rolos de fumaça e lenços no bosque.
A mente da colmeia acha que isso é o fim de tudo.
Lá vêm eles, os batedores, em suas ligas históricas.

Se eu ficar quietinha, vão pensar que sou erva-doce,
Uma cabeça ao vento intocada por sua hostilidade,

Nem mesmo assentindo, uma personagem na cerca-viva.
Os moradores abrem as câmaras, estão caçando a rainha.
Estaria se escondendo, estaria comendo mel? Ela é muito esperta.
Ela é velha, velha, velha, deve viver mais um ano e sabe disso.
Enquanto isso, em seus celas encaixadas, as novas virgens

Sonham com um duelo que irão ganhar, inevitavelmente,
Uma cortina de cera separando-as do voo nupcial,
A ascensão da assassina a um céu que a ama.
Os moradores estão movendo as virgens, não haverá morte.
A velha rainha não se mostra, seria por ingratidão?

Estou exausta, estou exausta —
Coluna de branco em um negrume de facas.
Sou a garota do mágico, que não se esquivava.
Os moradores estão desfazendo seus disfarces, estão apertando-se as mãos.
De quem seria essa caixa branca comprida no bosque, o que foi que eles realizaram, por que sinto frio.

A Chegada da Caixa de Abelhas

Eu encomendei isto, esta caixa de madeira lisa
Quadrada como uma cadeira e quase pesada demais para levantar.
Eu diria que é o caixão de um anão
Ou de um bebê quadrado
Se não fosse a barulheira dentro dela.

A caixa está lacrada, é perigosa.
Tenho de conviver com ela por uma noite
E não consigo ficar longe dela.
Não há janelas, por isso não consigo ver o que há lá dentro.
Existe apenas uma pequena grade, sem saída.

Aproximo meu olho da grade.
Está escuro, escuro,
Com a sensação de um enxame de mãos africanas
Diminutas e encolhidas para exportação.
Preto sobre preto, escalando com raiva.

Como posso deixá-las sair?
É o ruído que me choca acima de tudo,
As sílabas ininteligíveis.
É como uma turba romana,
Pequenas, tomadas uma a uma, mas, meu deus, juntas!

Encosto meu ouvido no latim furioso.
Eu não sou um César.
Simplesmente encomendei uma caixa de maníacos.
Elas podem ser mandadas de volta.
Elas podem morrer, não preciso alimentá-las, sou a dona.

Pergunto-me quanta fome elas têm.
Pergunto-me se elas iriam me esquecer
Se eu apenas desfizesse o lacre e me afastasse e me transformasse em uma árvore.
Existe a cássia-imperial, suas colunas douradas,
E as anáguas da cerejeira.

Elas podem ignorar-me imediatamente
No meu traje lunar e véu funerário.
Não sou fonte de mel
Então por que se virariam contra mim?
Amanhã vou ser um Deus doce, vou libertá-las.

A caixa é apenas temporária.

Ferrões

Com as mãos desprotegidas, entrego os favos.
O homem de branco sorri, suas mãos desprotegidas,
Nossas manoplas de gaze limpas e lindas
As gargantas de nossos pulsos, lírios corajosos.
Entre ele e mim

Há mil alvéolos limpos,
Oito favos de xícaras amarelas,
E a própria colmeia uma xícara de chá,
Branca com flores rosa,
Com amor excessivo eu a cobri com esmalte

Pensando “Doçura, doçura”.
Os alvéolos da prole cinzas como fósseis de conchas
Apavoram-me, parecem tão velhos.
O que estou comprando, mogno bichado
Há mesmo uma rainha aí dentro?

Se houver, ela é velha,
Suas asas, xales rasgados, seu corpo comprido
Esfolado de seu veludo—
Pobre e exposta e sem majestade e até mesmo vergonhosa.
Integro uma coluna

De mulheres aladas e nada milagrosas,
Operárias do mel.
Eu não sou uma operária
Embora por anos tenha comido pó
E secado pratos com minha cabeleira cheia.

E visto minha estranheza evaporar,
Orvalho azul de pele perigosa.
Será que vão me odiar,
Essas mulheres que só fazem correr,
Cujas notícias são a cerejeira em flor, o trevo em flor?

Está quase no fim.
Eu estou no comando.
Aqui está a minha máquina de fazer mel,
Ela vai trabalhar sem pensar,
Abrindo-se, na primavera, como uma virgem trabalhadora

Para vasculhar as cristas cremosas
Como a lua, buscando seus pós ebúrneos, vasculha o mar.
Uma terceira pessoa está assistindo.
Ele não tem nada a ver com o vendedor de abelhas ou comigo.
Agora ele se foi

Em oito grandes saltos, um grande bode expiatório.
Aqui está um pé do seu chinelo, aqui outro,
E aqui o quadrado de linho branco
Que usava como chapéu.
Ele era doce,

O suor de seus esforços, uma chuva
Rebocando o mundo a frutificar.
As abelhas encontraram-no,
Moldaram-se a seus lábios como mentiras,
Nublando suas feições.

Pensaram que a morte valia a pena, mas eu
Tenho um ego a recuperar, uma rainha.
Estaria ela morta, estaria dormindo?
Por onde esteve,
Com seu corpo de leão vermelho, suas asas de vidro?

Agora ela está voando
Mais terrível do que nunca, uma vermelha
Cicatriz no céu, vermelho cometa
Sobre o engenho que a matou —
O mausoléu, a casa de cera.

Invernada

Agora é um tempo tranquilo, não há nada a fazer.
Rodopiei o extrator de parteira,
Consegui meu mel,
Seis potes ao todo,
Seis olhos de gato na adega,

Invernando num escuro sem janelas
No coração da casa
Próximos à geleia rançosa do inquilino anterior
E as garrafas de brilhos vazios —
Gim do Senhor Fulano de Tal.

Este é o aposento em que nunca estive.
Este é o aposento em que nunca conseguia respirar.
O pretume se apinhava ali como um morcego,
Sem luz
Exceto a da lanterna e seu fraco

Amarelo chinês em objetos horríveis—
Asneira preta. Decomposição.
Posse.
São eles que me possuem.
Nem cruéis nem indiferentes,

Apenas ignorantes.
Este é o tempo de espera das abelhas — as abelhas
Tão lentas que mal as reconheço,
Enfileiradas como soldados
Indo à lata de xarope

Para compensar o mel que eu tirei.
Tate & Lyle as sustentam,
A neve refinada.
É de Tate & Lyle que elas vivem, em vez de flores.
Elas aceitam. O frio chegou de vez.

Agora elas se embolam,
Negra
Mente contra todo aquele branco.
O sorriso da neve é branco.
Se abre por uma milha, um longo corpo de Meissen,

Para o qual, nos dias mais quentes,
Elas só conseguem carregar seus mortos.
As abelhas são todas mulheres,
Donzelas e a comprida senhora real.
Livraram-se dos homens,

Os brutos desajeitados, os grosseirões.
O inverno é das mulheres ----
A mulher, imóvel a tricotar,
No berço de nogueira espanhola,
Seu corpo um bulbo no frio e tapado demais para pensar.

Será que a colmeia sobreviverá, será que os gladiolos
Conseguirão manter a chama viva
Para mais um ano?
Que gosto terão, as rosas de Natal?
As abelhas estão voando. Sentem o gosto da primavera.